



PATRIMÔNIO CULTURAL E FORMAÇÃO DE PROFESSORES NO PIBID HISTÓRIA (UFSC) - ARQUEOLOGIA E HISTÓRIA DA ILHA DO CAMPECHE

Alanna Fernandes Duarte*
Andréa Ferreira Delgado**

Resumo: Este artigo tem como objetivo apresentar algumas das atividades de produção de material didático desenvolvido durante o Programa de Iniciação à Docência (PIBID) em História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). O PIBID buscou estimular atividades de ensino e pesquisa sobre espaços circunvizinhos às escolas, procurando dar visibilidade às diferentes práticas culturais, lugares e saberes da região Sul da Ilha de Santa Catarina. Entre os temas abordados, a Ilha do Campeche destaca-se por ser uma localidade que é reconhecida pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) como Patrimônio Arqueológico e Paisagístico Nacional. Para incluir esse patrimônio cultural no currículo escolar, pesquisamos acerca dos estudos já realizados e dos diferentes usos da Ilha ao longo do tempo, a fim de estimular ações educativas e promover a identificação, a valorização e a difusão do patrimônio associado à história local.

Palavras-chave: Patrimônio Cultural. Formação de professores. Ilha do Campeche.

Abstract: This article aims to present some of courseware production activities developed during the Initiation Program to Teaching (PIBID) in History from the Federal University of Santa Catarina (UFSC). The PIBID sought to stimulate teaching and research on areas surrounding schools, trying to give visibility to the different cultural practices, places and knowledge of the southern region of the island of Santa Catarina. Among the topics covered, the Campeche Island stands out for being a location that is recognized by the Historical and Artistic Heritage Institute (IPHAN) as Archaeological Heritage and National Landscape. To include this cultural heritage in the school curriculum, we research about the previous studies and the different uses of the island over time in order to stimulate educational activities and promote the identification, enhancement and dissemination of the heritage associated with local history.

Keywords: Memory. Cultural Heritage. Teacher training. Campeche Island.

*Mestranda em Patrimônio Cultural e Sociedade na
Universidade da Região de Joinville, UNIVILLE.
Bolsista CAPES.

Graduada em História pela Universidade do Extremo Sul
Catarinense, UNESC.
E-mail: alannahistoria@yahoo.com.br

**Professora do Departamento de Metodologia de Ensino da
Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC.
Doutora em História Cultural pela Universidade Estadual de
Campinas, UNICAMP.
E-mail: andreadelgado@uol.com.br.



REVISTA
MEMORARE

UNISUL
www.portaldeperiodicos.unisul.br
ISSN 2358-0593

1. Introdução

Este artigo pretende apresentar o processo de produção de materiais didáticos desenvolvidos na Escola “Dilma Lúcia dos Santos” pelo Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID) em História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). No projeto intitulado “Educação Patrimonial e formação de professores: relação entre comunidade, escola e Universidade” (PIBID UFSC, Edital Capes 2012) são expostos alguns dos objetivos norteadores: a inserção dos professores em formação na instituição escolar por meio do desenvolvimento de uma proposta de Educação Patrimonial que contribua para o agenciamento do patrimônio cultural no Ensino de História na Educação Básica, bem como, aproximar o currículo escolar dos conhecimentos da comunidade.

O PIBID foi construído por meio do diálogo com os docentes da educação básica e com a participação dos estudantes da graduação em História, sob a orientação das professoras Andréa Ferreira Delgado e Mônica Martins da Silva (UFSC) e foi realizado em duas escolas municipais de Florianópolis, “EBM Batista Pereira” e “EBM Dilma Lúcia dos Santos”, ambas localizadas na região sul da Ilha de Santa Catarina.

Os oito graduandos bolsistas e o(a)s professore(a)s supervisor(a)es se reuniram durante três semestres(2013-2014) para desenvolver projetos de ensino e pesquisa a partir de temas significativos para a história e a memória dos bairros Armação do Pântano do Sul e Ribeirão da Ilha, onde se localizam as escolas, afim de abordar o patrimônio cultural a partir do conhecimento local associado ao cotidiano escolar. A abordagem de Educação Patrimonial também foi compreendida como uma metodologia para o Ensino de História, que fundamentou a elaboração dos materiais didáticos produzidos no PIBID.

Com o intuito de refletir sobre a importância da Educação Patrimonial durante a experiência de elaboração dos materiais didáticos, apresentaremos uma parcela da pesquisa realizada na Escola Dilma Lúcia dos Santos, justificando a escolha de estudo do Patrimônio Arqueológico e Paisagístico da Ilha do Campeche como um dos temas investigados, com o objetivo de associar o patrimônio cultural ao ensino da história local.

2. O Programa de Iniciação à Docência em História na Escola Dilma Lúcia dos Santos

No desenvolvimento do projeto “Educação Patrimonial e formação de professores: relação entre comunidade, escola e Universidade” do Programa de Iniciação a Docência (PIBID) em História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em cada uma das Escolas, o(a)s estudantes do curso de História, o(a)s professore(a)s da Educação Básica e as

docentes orientadoras puderam construir uma experiência pedagógica que articula a pesquisa com o ensino, por meio da produção de materiais didáticos sobre o patrimônio cultural da região Sul da Ilha de Santa Catarina.

A partir da concepção de que a instituição escolar é um importante espaço de produção de saberes durante a formação dos professores (MONTEIRO, 2003), uma das preocupações do projeto foi propiciar o diálogo e a interação entre o(a)s bolsistas e professores(as) na Escola. O PIBID foi construído de maneira coletiva, com a participação dos estudantes bolsistas, e professores orientadores e supervisores envolvidos no projeto, que frequentemente se encontraram nas Escolas e Universidade para a participação em grupos de estudos, oficinas e seminários.

Na Escola Básica “Dilma Lúcia dos Santos”, o projeto iniciou com a inserção de quatro estudantes bolsistas na instituição escolar. Como parte da proposta de formação de professores, o PIBID buscou acompanhar um conjunto diversificado de atividades realizadas na Escola, tais como: a) Observação de reuniões do corpo docente, como as Reuniões de Planejamento; Conselhos de Classe; Paradas Pedagógicas, entre outras; b) Participação dos bolsistas em projetos que estão sendo desenvolvidos pelos docentes na Escola; c) Pesquisa acerca de diferentes temas, importantes para a compreensão do cotidiano escolar, que foi realizada durante o primeiro semestre do projeto, em conjunto com bolsistas de iniciação à docência do PIBID/Geografia (DELGADO, MARTINS, 2013). Durante os dois primeiros semestres do projeto na Escola, o(a)s bolsistas conheceram os:

[...] projetos desenvolvidos pelo corpo docente da instituição - Projeto “Rádio Escolar Onda Jovem”; Projeto “Memória da Escola”; Projeto “Entorno Escolar: Propostas de uso e ocupação da área do entorno da EBM Dilma Lúcia dos Santos”; “PROREPA: Projeto de Reciclagem de Papel”. Com a colaboração dos docentes coordenadores dos Projetos, foram construídos Planos de Trabalho, executados [...] por meio da participação semanal nas atividades dos Projetos. (DELGADO, MARTINS, 2013, p. 5).

As professoras de História Daniela Sbravati e Alanna Fernandes Duarte, com a orientação da professora Andréa Ferreira Delgado, coordenaram os bolsistas na Escola Dilma Lúcia dos Santos, auxiliando-os nos primeiros passos da docência em História na Educação Básica. Para a construção de um planejamento e a iniciação dos acadêmicos em sala de aula foram escolhidas diferentes estratégias pedagógicas. Entre as atividades desenvolvidas destacamos a participação dos estudantes da Escola em Roteiros Históricos da cidade, que foi



realizada pelos bolsistas e professores, em parceria com o Programa de Extensão da UFSC “Santa Afro Catarina¹”.

Durante o terceiro semestre do PIBID na Escola, duas turmas (6º ano e 8ª série do Ensino Fundamental) participaram dos Roteiros “Viver de Quitandas” e “A Desterro de Cruz e Sousa” na região central de Florianópolis. O(a)s aluno(a)s e bolsistas puderam desenvolver experiências acerca do conhecimento histórico sobre os africanos no espaço urbano da cidade, reconhecendo lugares de memória, documentos e atividades que registram o período da escravidão e pós abolição.

A partir dos Roteiros Históricos, as turmas desenvolveram trabalhos de pesquisa com a elaboração de relatórios de campo que foram apresentados sem grupos nas atividades de socialização em sala de aula. Para apresentar os resultados desses trabalhos, o(a)s bolsistas e professoras supervisoras elaboraram os banners- “História local e Roteiros históricos: A experiência do Santa Afro Catarina na Escola Dilma Lúcia dos Santos” e “A experiência do “Santa Afro Catarina” na EBM Prof. Dilma Lúcia dos Santos: Uma viagem histórica a Desterro do século XIX”, que foram expostos na Escola Dilma Lúcia dos Santos. Também apresentamos estas experiências durante a 11ª. Semana de Ensino Pesquisa e Extensão da UFSC (SEPEX) e no I Simpósio de Formação de Professores e Práticas Pedagógicas da UFSC. Com isso, alcançamos o objetivo de socializar os trabalhos desenvolvidos durante o PIBID e também de divulgar experiências de inserção da Lei 10.639/2003 no currículo escola.

Figura: Escola Dilma Lúcia dos Santos, novembro de 2013.



Fonte: Duarte, A. F.

¹ O Programa de Extensão “Santa Afro Catarina”, coordenado pelas professoras Andréa Ferreira Delgado e Beatriz Gallotti Mamigonian, desenvolve projetos de ensino e pesquisa que visam promover a identificação e valorização do patrimônio cultural associado à presença de africanos e afrodescendentes em Florianópolis-SC (DELGADO, MAMIGONIAN, 2012).

A partir da experiência compartilhada com o Programa de Educação Patrimonial do ‘Santa Afro Catarina’, o PIBIB realizou saídas de campos para o reconhecimento de outras localidades no entorno escolar. Buscou-se reconhecer o Bairro Armação do Pântano do Sul a partir das experiências sociais dos alunos, lugares de memória e sujeitos da comunidade que contribuam para o conhecimento da história local e de seus bens culturais. Segundo as professoras orientadoras do PIBIB,

Para promover, durante a formação inicial do professor de História, a inter-relação entre a pesquisa e a prática pedagógica, propusemos fundamentar o conjunto de atividades de observação, reflexão e compreensão das instituições escolares pela investigação de seu cotidiano [...]. Após essa experiência de operar com metodologias próprias do campo da educação, os alunos do curso de História exercitaram o ofício do historiador por meio da pesquisa em diferentes acervos a fim de investigar temas relacionados ao patrimônio cultural [...]. (DELGADO; MARTINS, 2014, p. 03).

A partir desses pressupostos a nossa proposta de formação de professores de História buscou associar a experiência de iniciação à docência dos bolsistas à prática pesquisa histórica sobre o Patrimônio Cultural da região, buscando promover experiências pedagógicas que contribuam para a divulgação e a valorização da história e da memória de sujeitos, lugares e saberes do Sul da Ilha de Santa Catarina. Assim, optamos por desenvolver os projetos pesquisa e docência em História do PIBID a partir da construção de uma proposta de Educação Patrimonial.

A Educação Patrimonial, por meio do estudo dos *bens culturais* (materiais e imateriais), visa contribuir para a construção do conhecimento histórico dos estudantes acerca da realidade local. Conforme Horta (1999), frequentemente a Educação Patrimonial tem sido referenciada enquanto proposta interdisciplinar que pode por meio da exploração dos objetos ou lugares, incentivar a curiosidade dos estudantes e o exercício do questionamento, propiciando o sentimento de ‘descoberta’ do Patrimônio Cultural herdado e que fazem parte do seu cotidiano. Segundo o conhecido “Guia de Educação Patrimonial”:

O conhecimento crítico e a apropriação consciente pelas comunidades do seu patrimônio são fatores indispensáveis no processo de preservação sustentável desses bens culturais, assim como no fortalecimento dos sentimentos de identidade e cidadania. A Educação Patrimonial é um instrumento de “alfabetização cultural” que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico temporal em que está inserido. Este processo leva ao reforço da autoestima dos indivíduos e comunidades e à valorização da cultura brasileira compreendida como múltipla e plural. (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 1999, p. 06).



Com o objetivo de construir possibilidades de reconhecimento da história local e contribuir para a construção do conhecimento histórico escolar, o PIBID propôs aos participantes o desafio da elaboração de diferentes materiais didáticos sobre o patrimônio cultural da Ilha de Santa Catarina. A partir da experiência dos docentes da Escola Dilma Lúcia dos Santos e a investigação sobre a região por meio de diferentes fontes de pesquisa, elegemos os temas significativos para a pesquisa acerca dos bens patrimoniais locais.

A fim de orientar e subsidiar teórica e metodologicamente a pesquisa e o desenvolvimento das atividades de Educação Patrimonial e a produção de materiais didáticos do PIBID, ao longo de três semestres foram promovidas as oficinas - “Trabalho de Campo: A pesquisa em educação”; “Reconhecimento das localidades Praia da Armação e Ribeirão da Ilha”; “Educação Patrimonial e o Programa de Extensão Santa Afro Catarina”; “Ensino de História e Geografia nas Escolas Municipais de Florianópolis”; “Desastres socioambientais; História Oral; “Produção de Materiais Didáticos”; “Produção de Materiais Didáticos – O uso de fontes no ensino de História” (DELGADO, MARTINS, 2013).

É interessante destacar que para a realização dessas oficinas contamos com a participação de outros professores e com os bolsistas de iniciação à docência da área de Geografia (PIBID Geografia-UFSC). Também foram promovidos dois seminários- “O cotidiano nas Escolas Básicas Dilma Lúcia dos Santos e Batista Pereira” e “Atividades de Pesquisa: o patrimônio cultural em discussão”. As diversas oficinas realizadas como leitura de bibliografias previamente indicadas sobre o tema propiciaram ao grupo momentos de reflexão e diálogo acerca do cotidiano e aprendizados acerca do conhecimento escolar, buscando contribuir para a elaboração das atividades didáticas sobre o Patrimônio Cultural local.

Durante o terceiro semestre do PIBID, com a necessidade de licença da professora Daniela para o seu doutoramento, tornou-se necessária a participação de um novo professor para dar continuidade ao projeto na Escola Dilma Lucia dos Santos. A partir desse momento é que inicio minha experiência como professora supervisora do PIBID, intensamente compartilhada com a professora Andrea Delgado, coautora deste artigo. Como supervisora, fiquei com a incumbência de organizar as reuniões semanais do Projeto com os bolsistas na Escola e, dessa maneira, conheci as atividades desenvolvidas até então, e tive a oportunidade de participar com estudantes e professoras do Departamento de Metodologia de Ensino da UFSC de uma pesquisa que estava em curso sobre a história local.

Para desenvolver um conjunto diversificado de propostas pedagógicas buscamos nos organizar com encontros semanais na Escola, com a socialização dos trabalhos em grupos para a produção de textos e atividades pedagógicas por meio da utilização e interpretação dos



documentos históricos que foram coletados durante a pesquisa nos arquivos e nas comunidades do entorno escolar (DELGADO, MARTINS, 2013). Os temas selecionados foram os seguintes:

Saber-fazer dos pescadores: Patrimônio cultural da Armação do Pântano do Sul - Fundamentada na pesquisa com diferentes documentos, a investigação compreendeu conhecimentos sobre a pesca na Praia da Armação. Privilegiando a fonte oral, abordou dimensões culturais, sociais e econômicas da pesca local, no presente e no passado. A partir concepção de patrimônio imaterial ou intangível, busca-se delinear aspectos da cultura material e imaterial acerca dos saberes e fazeres dos pescadores, a fim de desenvolver ações de registro, reconhecimento e de preservação desse patrimônio cultural;

A Ressaca de 2010 e as transformações da paisagem na Praia da Armação - Em 2010 a praia da Armação do Pântano do Sul foi atingida por uma "Ressaca" que causou a destruição de muitas casas e contribuiu para a modificação significativa da paisagem. Por meio de um conjunto de documentos, a abordagem sobre a "Ressaca de 2010" como um desastre socioambiental proporciona a discussão das múltiplas formas de ocupação e de intervenção do homem nas transformações da paisagem, assim como a problematização do conceito de patrimônio ambiental, relacionando-o com práticas culturais associadas à pesca e ao turismo, características da história local;

O Sertão do Peri: Memória e cultura material no Sul da Ilha de Santa Catarina - O Sertão do Peri é compreendido enquanto um lugar que permite investigar a historicidade das formas de ocupar e de se relacionar com o espaço, possibilitando abordar o processo de estabelecimento dos engenhos de farinha, de açúcar e alambiques e suas transformações a partir vestígios materiais e, principalmente, pelo agenciamento da memória dos sujeitos que construíam ali suas trajetórias de vida.

A pesquisa local na Escola, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), é uma importante estratégia pedagógica que visa contribuir para o ensino e a aprendizagem de História bem como, para a construção do conhecimento histórico escolar. O texto "Aprender e Ensinar História no Ensino Fundamental" ressalta que

[...] As escolhas de conteúdos que possam levar a noção de diferença e de semelhança, de continuidade e de permanências, no tempo e no espaço, para a constituição de sua identidade social, envolve cuidados nos métodos de ensino. [...] Os estudos da história dos grupos de convívio [...], exigem métodos específicos, considerando a faixa etária e as condições sociais e culturais dos alunos. [...] Nesse sentido, o trabalho pedagógico requer estudos de novos materiais [...], que devem se transformar em instrumentos de construção do saber histórico.

Ao se recuperar esses materiais, que são fontes potenciais para a construção de uma história local parcialmente desconhecida, desvalorizada, esquecida ou omitida, o saber histórico escolar desempenha um outro papel na vida local, sem significar que se pretende fazer do aluno um "pequeno historiador", mas um observador atento das



realidades do seu entorno, capaz de estabelecer relações, comparações e relativizando sua atuação no tempo e espaço. (PCN, 1997, p. 39).

Para o desenvolvimento das pesquisas históricas envolvendo o(a)s estudantes das turmas e o(a)s bolsistas do PIBID, buscamos promover momentos de diálogo entre as Escolas e os bairros onde estão inseridas. As escolhas de temáticas pedagógicas e atividades de pesquisa foram feitas a partir das saídas de campo com as turmas de reconhecimento e ‘descoberta’ dos estudantes acerca do entorno escolar.

Com a minha inclusão nesta etapa do PIBID na Escola pude conhecer a proposta de Educação Patrimonial e o conjunto de pesquisas que estavam sendo realizadas, assim como também tive a oportunidade de desenvolver um trabalho de produção didática sobre história local a partir das minhas experiências e afinidades profissionais. Durante a graduação em História trabalhei em um laboratório de Arqueologia em que tive contato com alguns projetos de Arqueologia de Contrato e Educação Patrimonial nas escolas. Assim, no PIBID, fui incentivada pela professora Andrea Delgado a pesquisar sobre o patrimônio arqueológico e histórico da Ilha do Campeche.

O foco do presente artigo é refletir sobre a pesquisa e a produção de materiais didáticos sobre a Ilha do Campeche. Nesse sentido, esse trabalho se configura como uma socialização de uma experiência escolar que através da Educação Patrimonial buscou reconhecer as pesquisas já realizadas sobre a Ilha, com o intuito de aproximar o currículo escolar dos conhecimentos sobre a história local e o patrimônio arqueológico, visando estimular ações para a sensibilização da comunidade para o agenciamento e a preservação de seus bens culturais.

4. Entre o sul da Ilha e a Ilha do Campeche

A Ilha de Santa Catarina faz parte de um conjunto de ilhas adjacentes do litoral central catarinense. Com sua exuberante natureza, a Ilha tem sido um destino conhecido pelo turismo nacional, recebendo visitantes de diferentes lugares do Brasil e do mundo. Alguns buscam conhecer suas praias, lagoas e opções culturais, e outros gostam tanto que decidem morar nessa Ilha, como foi o nosso caso.

Com o intuito de socializar a proposta de Educação Patrimonial e o processo de elaboração dos materiais didáticos, procuro refletir minha da participação no PIBID a partir do meu lugar e cotidiano como professora e moradora da região. Quando fui morar em Florianópolis, já comecei a lecionar no Sul da Ilha, destacando especialmente as comunidades



da praia da Armação e do Pântano do Sul². Ainda é possível encontrar nessas Praias, algumas crianças que conhecem ou participam das atividades de pesca artesanal em conjunto com seus pais e familiares. Recordo carinhosamente de alguns peixes frescos que ganhei de alguns estudantes na época de pesca à tainha.

Também há nas escolas alguns estudantes filhos de estrangeiros, como o caso de uruguaios e argentinos e de outras localidades do Brasil. É possível observar durante o ano, mas principalmente na alta temporada, uma pluralidade de sujeitos que frequentam as comunidades e o em torno escolar. Alguns dos moradores nativos, inclusive pescadores, apostam nos alugueis de casas e no comércio local como complemento da renda durante o verão.

Para chegar até a Escola realizava diariamente o trajeto de ônibus, entre o Rio Tavares e a Armação, contemplando à vista da Ilha do Campeche na costa leste do sul da Ilha, que se distanciam por aproximadamente três km. Passando por essa exuberante paisagem, imaginava que esse trajeto já fora realizado por muitas pessoas há séculos atrás. Como professora de História me interessou conhecer e pesquisar mais sobre a história da região.

No ano anterior ao meu ingresso no PIBID na Escola Dilma Lúcia, lecionei na escola de ensino fundamental Severo Honorato da Costa, que está situada no bairro ao lado da Armação do Pântano do Sul, a comunidade do Pântano do Sul. Na rua da escola “do Pântano” existem importantes ocorrências arqueológicas no costão rochoso, como oficinas líticas e inscrições rupestres. Enquanto lá lecionava, realizamos uma saída de estudos com a turma do 6º ano a fim de conhecer as inscrições rupestres e as oficinas líticas da Praia. Assim, buscamos identificar com os alunos esses locais e como patrimônio arqueológico, abordado enquanto os primeiros registros históricos ocupação humana da região. Posteriormente, realizamos relatórios de campo sobre a importância desses sítios para a história local e a necessidade de sua preservação.

Figura: Vista da Rua da Escola na comunidade do Pântano do Sul, maio de 2012.



Fonte: Duarte, A. (2012).

² Entre 2012 e 2014 residia no sul da Ilha e lecionava em escolas do Ensino Fundamental e Médio da região.



Na ocasião me deparei com a falta de materiais didáticos para trabalhar, principalmente sobre a história das populações indígenas, e a dificuldade de acesso ao conhecimento sobre o patrimônio arqueológico regional. A partir das experiências que iniciava na cidade, quando tive conhecimento sobre o projeto de Ensino de História no PIBID e sua proposta de formações de professores e produção didática sobre a história e o patrimônio cultural do Sul da Ilha, percebi a oportunidade de pesquisar, pensar e produzir atividades didáticas que poderiam contribuir para a minha prática docente, e para o conhecimento de meus alunos sobre o patrimônio histórico e arqueológico da região.

As reuniões e oficinas de Educação Patrimonial e produção didática do PIBID eram realizadas semanalmente, principalmente na Escola, mas algumas vezes também na UFSC. O(a)s bolsistas envolvido(a)s já se encontravam em fase de elaboração dos materiais didáticos, contando com uma diversidade de fontes de pesquisa oral nas comunidades, produzidas juntos com as professoras orientadoras do Projeto. Dessa forma, como o PIBID já estava andamento, foi um desafio conciliar a prática docente com o planejamento e proposta do PIBID, de supervisão da produção didática dos estudantes de História na Escola, e o desenvolvimento de um trabalho de pesquisa e produção didática sobre o patrimônio cultural da Ilha do Campeche e a história local. Dessa maneira, a pesquisa foi realizada considerando os limites do tempo de execução do projeto na Escola e se tornou possível com o apoio e orientação da professora Andrea F. Delgado, e com diversas trocas de ideias e de saberes docentes com os estudantes de História, bolsistas do PIBID - Sulena Cerbaro, Tiago Valério, Maicon Resende e Alan Guerner.

5. A Ilha do Campeche e a história local - Possibilidades para a Educação Patrimonial

A preocupação com a elaboração e os conteúdos propostos nos materiais didáticos sobre o conhecimento histórico acerca do local adquiriu cada vez mais espaço nos atuais debates historiográficos sobre a formação de professores de História. Segundo Circe Bittencourt,

a história local tem sido indicada como necessária para o ensino por possibilitar a compreensão do entorno do aluno, identificando o passado sempre presente nos vários espaços de convivência – escola, casa, comunidade, trabalho e lazer -, e igualmente por situar os problemas significativos da história do presente. (BITTENCOURT, 2009, p. 168) .

Um dos caminhos possíveis para o desenvolvimento de atividades pedagógicas voltadas a aproximação do conhecimento escolar a vivência dos estudantes é a Educação Patrimonial que, ao incorporar diferentes propostas de pesquisas, busca reconhecer e refletir acerca dos bens culturais que o circundam no entorno escolar. Ao levar em consideração outros tipos de



documentos, questionando a utilização somente das fontes escritas, o ensino de História incorpora um conjunto diversificado de fontes para o trabalho em sala de aula. Para Katia Abud:

[...] boa parte da historiografia ao se voltar para o cotidiano com vistas a prover outros caminhos de concepção da História. [...] É nesse contexto que se insere o estudo da cultura material como fonte histórica. Os historiadores perceberam que os artefatos que os seres humanos criam, produzem, utilizam e consomem dizem respeito não só a sua trajetória histórica como também a construção de sua identidade. (ABUD, 2010, p. 109).

O PIBID, ao propor um programa de pesquisa e produção didática sobre o entorno escolar da Escola Dilma Lucia dos Santos, buscou desenvolver uma abordagem interdisciplinar, reconhecendo nos diversos lugares pesquisados diferentes caminhos metodológicos para chegar a elaboração de recursos para o ensino de História. A inclusão do tema “O Patrimônio Arqueológico e Histórico da Ilha do Campeche” gerou a demanda de produção de atividades didáticas que estimulem a reflexão acerca da relevância história e da importância de preservação desse bem cultural.

Ao refletir sobre as atividades de Educação Patrimonial nas escolas, a historiadora e arqueóloga Miriam Carbonera ressalta que

Existe certa urgência historiográfica e pedagógica de registrar as histórias regionais e repensar seu ensino, bem como de produzir textos que subsidiem o conhecimento e a reflexão histórica escolar [...]. Valorizar o local como um espaço em que se percebem as diferenças, em que existem relações sociais e onde se reconstruem as identidades sociais e coletivas. Para tanto, as pesquisas arqueológicas podem contribuir muito, pois através desta ciência se torna viável ampliar o conhecimento de uma realidade cultural, trazendo elementos para a compreensão do cotidiano social, tanto de grupos pré-coloniais como históricos. (CARBONERA, 2003, p. 199).

Em 2000, a Ilha do Campeche foi reconhecida pelo IPHAN como “Patrimônio Arqueológico e Paisagístico Nacional”. O local possui uma das maiores concentrações de sítios arqueológicos com inscrições rupestres no Brasil. Na história de sua ocupação, a Ilha recebeu diversos usos sociais que contribuíram para construir a singularidade do patrimônio cultural local.

A Ilha de Campeche é caracterizada por importantes ligações históricas com as comunidades do Sul da Ilha de Santa Catarina. O caminho mais próximo de se chegar até a Ilha é por meio de embarcações que saem da Praia da Armação do Pântano do Sul, que está acerca de três quilômetros do local. Além dessa estreita aproximação geográfica, a comunidade pesqueira da Armação também participou no processo de ocupação do local e, por isso, foi incorporada às políticas de proteção ambiental e cultural da Ilha.



Desde que foi registrada como “Patrimônio Arqueológico e Paisagístico Nacional”, o turismo na Ilha passou a ter intermediação do IPHAN e tem assumido diferentes formatos. Dessa maneira, um dos primeiros objetivos da pesquisa sobre a Ilha foi o reconhecer e problematizar as motivações para a patrimonialização desse local e suas políticas atuais de proteção ao seu patrimônio, pois consideramos que

o patrimônio arqueológico [...] além de ser uma referencia ao passado é uma referencia ao presente, porque é no presente que são estabelecidas as relações entre indivíduos e o patrimônio: é no presente que os interesses dos grupos sociais distintos elegem o seu patrimônio e é no presente que os órgãos públicos decidem o que é patrimônio público. (ALMEIDA, 2003, p. 281, apud MONTICELLI, 2010, p. 179).

Com o intuito de realizar uma proposta de Educação Patrimonial voltada à questão presente de preservação do patrimônio arqueológico da Ilha do Campeche e sua relação com o cotidiano da comunidade escolar, nosso trabalho foi organizado em diferentes etapas. Primeiro, foi realizado um levantamento sobre a temática investigada, reconhecendo as fontes de pesquisa e os bens patrimoniais da Ilha do Campeche. Nessa etapa, o trabalho aconteceu fora da unidade escolar com atividades de campo, conhecendo sujeitos, lugares e algumas instituições ligadas ao local.

No levantamento sobre as pesquisas identificamos relações de participação da unidade escolar na política de gerenciamento da Ilha do Campeche. Na escola Dilma Lucia dos Santos acontece o “Curso de Formação para Monitores Ambientais” e essa unidade escolar está vinculada ao projeto “Escolas na Ilha do Campeche”, que compreende atividades de educação e pesquisa proporcionadas pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) na comunidade. Assim, procuramos os profissionais do IPHAN envolvidos com o programa de formação na Ilha do Campeche que nos propiciaram melhor conhecimento dessa proposta.

Como professora, também foi possível participar do projeto “Escolas na Ilha do Campeche”, que tem acontecido nos últimos três anos na Escola Dilma Lúcia. A saída de estudos foi planejada para uma turma do 6º ano e duas turmas do 7º ano, onde realizamos trabalhos pedagógicos como a produção de revistas temáticas e foto-relatórios como proposta interdisciplinar da Escola, com a contribuição das professoras Michele Aguiar da disciplina de Geografia, e Cristiane Guimarães da disciplina de Língua Portuguesa. A partir do diálogo com as professoras e o desenvolvimento e socialização das atividades avaliativas com as turmas é que fora geradas as principais problemáticas que orientaram a produção do material didático sobre a Ilha do Campeche no âmbito do PIBID.



A temática de pesquisa teve como principal eixo norteador o estudo sobre os “Usos sociais da Ilha do Campeche”. Conforme a sugestão de Kátia Abud (2010), a pesquisa sobre a cultura material deve procurar reconhecer “as mudanças e permanências dos objetos e seus diferentes usos ao longo do tempo (ou seja, sua historicidade) proporcionam, às diversas ciências humanas, rico material de estudo da constituição cultural das sociedades” (ABUD, 2010, p. 108).

Dessa maneira, a elaboração de atividades para Educação patrimonial sobre a Ilha foi organizada a partir dos seguintes temas: 1) Turismo e preservação do patrimônio Arqueológico e Paisagístico da Ilha do Campeche; 2) A ocupação pré-colonial na Ilha do Campeche; 3) A prática da Pesca na Ilha do Campeche.

O primeiro tema, intitulado como “Turismo e a preservação do patrimônio Arqueológico e Paisagístico da Ilha do Campeche”, aborda o processo de patrimonialização e os usos do turismo a partir da segunda metade do século XX. O local passou por diferentes intervenções, principalmente com a sua ocupação histórica pela Associação de Caça e Pesca Couto Magalhães que, até meados da década de 1990, era ”proprietária” da Ilha, realizando eventos, hospedagens turísticas e a introdução de animais para a caça, como os quatis. Segundo Francisco Antônio S. Filho,

[...] desde 1942 é de propriedade do Clube de Caça, Pesca e Tiro “Couto Magalhães”, que tornou a ilha um centro de recreação. Apesar do objetivo da instalação do clube na ilha, sua diretoria tem se preocupado muito com a preservação da vegetação natural, permitindo apenas pequenos caminhos até os pesqueiros naturais da ilha.

O trajeto até a Ilha do Campeche é feito através de embarcações do clube. Estas partem dos cais da Praia da Armação que [...] levam em média 45 minutos para chegar até lá. Somente desembarcam na Ilha as pessoas que são sócias do clube ou as que são convidadas pela diretoria (FILHO, 1983, p. 1-2).

A análise positiva do biólogo Francisco não é a mesma da Geógrafa Cíntia Chamas, uma das principais responsáveis pelo tombamento do IPHAN e pelos projetos de Educação Patrimonial em andamento na Ilha. Em sua dissertação de mestrado, a pesquisadora registra o processo de patrimonialização do IPHAN e Ministério Público na Ilha, dialogando com as comunidades de pesca e turismo como a Associação Couto Magalhães (ACOMPECHE), para a promoção de uma gestão pública de conservação e conscientização do patrimônio local. Assim, a pesquisa aponta algumas das implicações na relação de pertencimento dos membros desse Clube com a Ilha, nos seus usos com trilhas, caça e pesca, além dos impedimentos gerados para uma forma de gestão mais sustentável do patrimônio na Ilha, uma vez que o tombamento acontecendo por iniciativa do IPHAN propôs a realizações de alguns estudos e normativas de



usos sobre a Ilha, limitando algumas das explorações econômicas que anteriormente eram realizadas (CHAMAS, 2008).

Reconhecendo essa situação, a questão do turismo cultural na ilha foi problematizada por meio do estudo sobre a intervenção de tombamento do IPHAN e as novas políticas para a visitação no lugar, buscando problematizar os usos sobre os bens patrimoniais locais a partir das interpretações dos estudantes acerca desse tema, e a desnaturalização do tombamento, por meio de exercícios interpretativos sobre a construção histórica de reconhecimento desse lugar como patrimônio arqueológico e paisagístico. A partir dessa temática, elaboramos atividades visando promover aprendizados de reconhecimento e identificação dos alunos e alunas com o lugar onde vivem, sugerindo uma pesquisa para a criação de um Guia temático, apresentando os lugares e histórias da sua comunidade. Elaboramos um roteiro de pesquisa para que os estudantes percebessem as diferentes representações sociais acerca da Ilha: para a comunidade, os pescadores locais e os turistas que buscam conhecer este lugar.

Ao estudar a relação entre aprendizados históricos com o turismo, a historiadora Raquel Venera ressalta que

Não se trata de construir pequenos guias turísticos, capazes de interpretar seus locais [...]. Trata-se, sobretudo, de reconhecer que o Turismo possui responsabilidades com a formação histórica dos sujeitos para além dos turistas reais, mas a área aciona discursos que são consumidas através da mídia e pelas mais diversas formas que são caóticas e incontroláveis e atuam diretamente na construção de identificações dos sujeitos. (VENERA, 2010, p. 436).

Por meio da análise de diferentes fontes históricas, tais como fotografias e jornais locais, o material didático visa provocar situações de reflexão sobre o agenciamento e proteção do patrimônio cultural e a preservação da natureza na Ilha.

No segundo tema da proposta, as atividades didáticas fazem referência aos primeiros registros de ocupação histórica na Ilha do Campeche, identificadas através da cultura material deixada pelos povos “indígenas”, ou seja, produzida pelas sociedades que viveram na região antes do início da colonização europeia.

Para desenvolver esse estudo é imprescindível o conhecimento da Arqueologia local, como ciência das fontes da cultura material. Segundo Pedro Paulo Funari,

Um grande desafio surge quando não há documentação escrita produzida pela sociedade estudada, naquilo que chamamos, por convenção de Pré-História. O historiador que se volta para o passado mais recuado confronta-se com vestígios materiais, em geral muito limitados. [...] Como fogueiras ou buracos feitos por barracas, restos de objetos de pedra, ou líticos, e, nos casos mais recentes, de cerâmica. Como então avançar na pesquisa? (FUNARI, 2010, p. 94).



Funari considera que é necessário buscar diferentes ferramentas interpretativas, pois

Na pesquisa e análise histórica, as fontes que surgem integram-se ao que já é conhecido sobre a sociedade estudada [...]. No caso das sociedades sem escrita, há que se estudar, antes o que se disse ou se registrou sobre tais sociedades [...] São, portanto, leituras de caráter metodológico, antropológico, sociológico e filosófico que devem ser feitas pelo pesquisador (FUNARI, 2010, p. 95).

Dessa maneira, ao buscar desenvolver um projeto de ações didáticas acerca da Ilha e o seu patrimônio, nos deparamos com alguns dos diferentes desafios e possibilidades que a pesquisa interdisciplinar sobre o conhecimento histórico local pode proporcionar ao professor de História na sala de aula. Cabe destacar que uma das mais desafiadoras tarefas de produção didática está em contribuir para que o saber histórico escolar crie possibilidades para a compreensão da produção acadêmica sobre conhecimentos específicos, como o caso do patrimônio arqueológico na Ilha do Campeche. Com o intuito de atingir essa proposta pedagógica, realizamos um trabalho interdisciplinar para fundamentar a mediação didática acerca desses diferentes conhecimentos visando o aprendizado significativo dos estudantes, o que não se configura como uma tarefa fácil. Nesse sentido concordamos com Sonia Kramer ao afirmar que

Uma proposta pedagógica é um caminho, não é um lugar. Uma proposta pedagógica é construída no caminho, no caminhar. Toda proposta pedagógica tem uma história que precisa ser contada. Toda proposta contém uma aposta. Nasce de uma realidade que pergunta e é também busca de uma resposta. Toda proposta é situada, traz consigo o lugar de onde fala e a gama de valores que a constitui; traz também as dificuldades que enfrenta, os problemas que precisam ser superados e a direção que a orienta. E essa sua fala é a fala de um desejo, de uma vontade eminentemente política no caso de uma proposta educativa, e sempre humana, vontade que, por ser social e humana, nunca é uma fala acabada [...] (KRAMER, 1997, p. 5).

Tendo conhecimento da necessidade de materiais didáticos sobre esse Patrimônio Cultural, procuramos então caminhos possíveis, partindo do pressuposto que a interpretação sobre as pesquisas bibliográficas realizadas não poderia dar conta de responder à uma história tão diversa e de longa duração como é a da Ilha do Campeche. Assim, nosso intuito é de provocar questionamentos e reflexões que propiciem novas perguntas e novos olhares sobre a importância deste lugar.

Os primeiros a se preocuparem em registrar a variedade local e as dificuldades para a proteção do patrimônio na Ilha foram os arqueólogos ao desenvolver pesquisas sobre a história pré-colonial de Santa Catarina (CHAMAS, 2008). Em especial, os estudos de João Alfredo Rohr, que em 1958 realizou um levantamento dos sítios arqueológicos da Ilha de Santa Catarina e suas ilhas adjacentes. Para Rohr:



Campeche é a Ilha mais rica em petroglifos, de que temos conhecimento (...) Os petroglifos do norte, segundo informações do Dr. Luiz D'Acampora, primeiro dono da Ilha, foram, na maioria, dinamitados por caçadores de tesouro. O que atualmente resta naquela praia são vestígios inexpressivos. (ROHR, 1969, p. 20-21).

Assim como a pesquisa sobre a Ilha buscou estudar os petroglifos, ou inscrições rupestres, Rohr pesquisou sobre a Ilha do Arvoredo, Ilha dos Corais e Praia do Santinho, região norte da Ilha de Santa Catarina. Segundo seu depoimento:

[...] Escavamos o terreiro de uma casa de veraneio na Armação do Sul. [...] Apareceram setenta e três sepultamentos e farto material arqueológico. Aquele sítio arqueológico estende-se sobre área de dois mil metros quadrados e já há duzentos anos passados, foi ocupado pelas instalações para a pesca da baleia, (Armação) que data do tempo do Império. (ROHR, 1969 p. 9).

Para Rohr,

Os conquistadores encontraram a Ilha habitada pelos Carijós, que a denominaram Jurerê Mirim ou Juru Mirim, em alusão ao Estreito, sobre o qual hoje se estende a Ponte Hercílio Luz. Os Carijós pertenciam a etnias dos Guarani e todos os historiadores são unânimes em enaltecer o caráter pacífico daquele indígena, que não hostilizava o homem branco, mas recebia hospitaleiramente os náufragos e abastecia de viveres os navios: farinha de mandioca, aboboras, couros, caças e peixes. [...] Os Carijós foram rapidamente extintos pelas incursões bandeirantes. Muito antes dos Carijós, [...] a Ilha já era habitada pelas populações construtoras de sambaquis. Foram registrados passantes de cinquenta sambaquis na Ilha, bem como, número relativamente elevado de sítios arqueológicos de outra natureza: parapeiros guaranis, casas subterrâneas, inscrições rupestres, estações líticas, como amoladores em forma de pratos ou sucos, etc. Os sambaquis da Ilha, na maioria, parcial ou totalmente destruídos, eram relativamente pequenos [...]. (ROHR, 1969, p. 8).

Seu trabalho buscou registrar diversos locais da Ilha, como as escavações do sambaqui na Praia do Rio Vermelho, e na região sul como o Rio Tavares, Praia da Tapera, Base Aérea, Praia Armação do Pântano do Sul e o Pântano do Sul, entre outros (GONÇALVES, 2003). O pesquisador também se preocupou em registrar a situação dos sítios arqueológicos locais primando por uma maior preservação e conhecimento sobre esses locais. Vale, assim, destacar que Rohr é uma das principais referências de pesquisas arqueológicas do litoral catarinense no século XX.

A partir das pesquisas de Rohr, surgiram outros estudos sobre a região (OPPITZ, 2011), como exemplo De Masi (2002), que analisou as inscrições rupestres na costa catarinense, e Rodrigo Aguiar que identificou diferentes tipologias sobre as grafias encontradas nos sítios arqueológicos rupestres. Para Aguiar,



A arte rupestre no litoral de Santa Catarina se manifesta exclusivamente na forma de petroglifos. Os petroglifos são grafismos executados em superfícies rochosas, cujas linhas são obtidas pela percussão ou fricção de um instrumento de pedra contra a rocha [...].

A destruição dos petroglifos corresponde a perda irreparável de uma parte relativamente grande da história do homem na Ilha [...], que pode corresponder a mais de 4.000 anos [...]. (AGUIAR, 2003, p. 277-278).

Em seu ‘Manual de Arte Rupestre’, o autor afirma que

O vandalismo ocorre na maioria dos sítios, até mesmo nos de acesso mais difícil, como na Ilha dos Corais. O mais comum é riscar sobre o motivo rupestre com um pedaço de pedra. Em alguns casos, grafites com tintas a óleo foram elaborados sobre os petroglifos. O mais assombroso tipo de agressão é a explosão de paredões rochosos pelos ignorantes caçadores de tesouros, que movidas por absurda estupidez, acreditam que os símbolos podem ser marcações de tesouros escondidos (AGUIAR, 2002, p. 563).

Essa denúncia nos auxilia a justificar as atividades desenvolvidas no material didático sobre a importância de proteção ao patrimônio arqueológico regional e local, visando problematizar essa situação a partir das impressões e vivências dos estudantes acerca desse patrimônio. Segundo Aguiar, a Ilha de Santa Catarina e suas ilhas adjacentes foram ocupadas por culturas distintas que ainda foram pouco estudadas, isso “impede que se faça uma associação da arte rupestre com aspectos culturais das populações pré-históricas, inviabilizando o estabelecimento de seriação arqueológica” (AGUIAR, 2003: 278). Dessa maneira o autor aponta que há:

Três culturas que compõem a Pré-História da Ilha de Santa Catarina e suas adjacências: os caçadores e coletores, os Itararé, e os Guarani. Há uma grande dificuldade em identificar qual das três culturas foi a autora dos petroglifos, principalmente [...] pela quase ausência de objetos com grafismos análogos que pudessem oferecer subsídios para comparações. De qualquer forma, a compreensão deste passado pré-histórico é indispensável [...], poderá servir futuramente, de subsídio para uma seriação arqueológica. (AGUIAR, 2003, p. 278).

Dessa maneira, nossa proposta de Educação Patrimonial procurou evidenciar algumas das interpretações possíveis acerca destes grupos e as dificuldades em se generalizar informações acerca das pesquisas arqueológicas locais, já que a região possui uma grande variabilidade de sítios de culturas distintas, que necessita de mais pesquisas para se compreender as primeiras ocupações históricas. A elaboração didática não procurou atingir todas as pesquisas já realizadas ou andamento, elegendo caminhos para uma mediação didática acerca desses conhecimentos específicos.

Para a produção das atividades, podemos destacar o trabalho da historiadora e arqueóloga Fabiana Comerlato, que realizou um dos estudos mais importantes até o momento



sobre as representações rupestres da Ilha do Campeche, assim como pesquisou acerca das Armações baleeiras na Ilha e em toda a costa litorânea catarinense. Segundo a pesquisadora, dos sítios arqueológicos estudados “a Ilha do Campeche destaca-se neste cenário, com nove sítios de representação rupestre, sendo a maior ilha das 32 que circundam a Ilha de Santa Catarina” (COMERLATO, 2005: 47). Fundamentadas nessa pesquisa, buscamos apresentar no material didático as relações históricas que associam a pesca da baleia com a praia da Armação do Pântano do Sul e a Ilha do Campeche. A pesca como uma das principais atividades econômicas do litoral catarinense acontece na Ilha do Campeche desde as primeiras ocupações históricas.

Entre os séculos XVII e XVIII, a pesca da baleia foi uma prática comum em diferentes pontos do Estado. A ocupação da atual Praia da Armação está relacionada com o estabelecimento da Armação baleeira da Lagoinha do Leste, como mão de obra escrava. A Ilha do Campeche integrava essa estrutura produtiva. Esse aspecto histórico foi ressaltado no material didático produzido por meio de atividades sobre a cultura baleeira e o patrimônio cultural das armações baleeiras. Para tanto, aproximamos as produções de atividades didáticas sobre a Ilhado material desenvolvido pelo(a)s bolsistas do PIBID acerca do patrimônio cultural da pesca na Praia da Armação do Pântano do Sul, com o intuito de reconhecer os diferentes usos e saberes da prática da pesca no local, em diferentes momentos históricos.

As atividades de Educação Patrimonial sobre a Ilha do Campeche propõem, assim, não somente aos registros anteriores à colonização, como as inscrições rupestres e oficinas líticas, mas também acerca do patrimônio arqueológico histórico, como o caso das estruturas edificadas que a Ilha possui associadas à Armação Baleeira e também ao período em que um clube de pesca ocupava o local.

Para abordar esse tema, outras importantes referências foram à pesquisa de José Pedro Da Ross (2011), que evidencia nas memórias dos pescadores a participação de africanos e afrodescendentes para a caça a baleia, e o recente registro da historiadora Beatriz Mamigoniam (2013) sobre o tráfico ilegal de escravos que desembarcavam na Ilha do Campeche, mesmo após a abolição. Com isso, nossa proposta de Educação Patrimonial visa contribuir para o reconhecimento não somente de uma história construída a partir da intervenção dos colonizadores portugueses no local, mas também para evidenciar uma história diversa, ou seja, construída por diferentes grupos étnicos que habitaram a Ilha, visando contribuir para o conhecimento escolar sobre os grupos indígenas e afrodescendentes, valorizados pelas Leis 10.639/03 e 11.645/08.

Circe Bittencourt (2013) evidencia as transformações suscitadas pela inclusão dessas Leis na construção do currículo escolar, observando que não se trata apenas de integrar esses



”assuntos” nos currículos, mas de contribuir para sua problematização a fim de se permitir a superação de

um imaginário étnico –racial que privilegia a brancura e valoriza principalmente as raízes europeias da sua cultura [...]. Dentro desse “horizonte de expectativa” a proposta de [...] História prevê mudanças substantivas, das quais educadores e intelectuais dedicados ao ensino precisam identificar seu alcance e se posicionarem diante das reformulações necessárias tanto para a História escolar, quanto para a área acadêmica. (BITTENCOURT, 2013, p. 102).

A invisibilidade dos povos indígenas e dos afrodescendentes na história local é uma problemática comum dentro da visão de uma história eurocêntrica. Atualmente a historiografia catarinense tem se dedicado a superar essa lacuna na história local, reconhecendo que esses povos possuem tradições e ocupações milenares e seculares nas Américas. A abordagem dessa proposta procura problematizar essas histórias a partir dos registros que lhe foram deixados, e que hoje alguns deles são considerados como Patrimônio Cultural.

Assim como o declínio da pesca baleeira, as atuais formas de pesca local foram temas determinantes para o desenvolvimento de outras atividades didáticas, que estimulavam os estudantes para identificar novas práticas configuradas nas associações de pescadores artesanais do Sul da Ilha de Santa Catarina, consideradas como representantes da cultura e da pesca no local. Essas atividades estão em consonância com as demais produções dos materiais didáticos sobre a pesca desenvolvida pelos(as) bolsistas do PIBID na Escola Dilma Lúcia dos Santos.

Valorizando a memória, o saber e o patrimônio da cultura de pesca por diferentes grupos étnicos, o patrimônio arqueológico, histórico e paisagístico da Ilha, os materiais didáticos procuram auxiliar no estudo sobre a história e preservação do local por meio da educação, viabilizando o agenciamento e reconhecimento do patrimônio cultural da Ilha do Campeche. O conjunto de atividades didáticas sobre a Ilha do Campeche integra a “Caixa de História” produzida pelo(a)s bolsistas, estudantes e docentes, do PIBID. Inspiradas no Grupo de Pesquisa “Oficinas de História”, do Rio de Janeiro, reunimos numa caixa “propostas estruturadas em forma de atividades construídas a partir de vestígios documentais referenciados ao patrimônio histórico, formal e informal, da localidade (SILVA, DELGADO, 2013, p. 9).

A Caixa de História intitulada “Educação Patrimonial e História Local” reúne o conjunto de materiais didáticos produzidos acerca do patrimônio cultural do Sul da Ilha de Santa Catarina na forma de textos didáticos e um conjunto diversificado de documentos históricos, acompanhados de atividades de interpretação e análise destinadas ao Ensino Fundamental. Objetivamos, dessa maneira, estimular a abordagem das diferentes temáticas associadas ao Patrimônio Cultural no ensino de História, assim como também suscitar propostas interdisciplinares nas escolas, com o intuito de problematizar as relações entre espaço, tempo e



práticas culturais de forma a questionar os regimes discursivos de patrimonialização e de construção da memória local e regional, propiciando a compreensão que o patrimônio está em processo constante de construção, apropriação e ressignificação pelos sujeitos históricos que o produzem e reproduzem na dinâmica cultural constitutiva do seu cotidiano (SILVA; DELGADO, 2013).

6. Considerações finais

Este trabalho buscou apresentar a experiência de Educação Patrimonial sobre a região Sul da Ilha de Santa Catarina e a Ilha do Campeche, realizada durante o programa de formação de professores do curso de História da Universidade Federal de Santa Catarina.

Acerca da nossa participação no PIBID, gostaríamos de ressaltar a contribuição do professor e da professora da Educação Básica para a produção do conhecimento escolar por meio da (re)construção de saberes científicos, articulando-os aos saberes e experiências no cotidiano dos alunos. Nessa experiência, tivemos oportunidade de aprender com diferentes docentes sobre a história local, assim como, fomos estimuladas a refletir sobre a importância de se aproximar os saberes sobre a Arqueologia e a História local a fim de torná-los acessíveis aos docentes e estudantes e, assim, colaborem para o reconhecimento e a preservação do Patrimônio.

A Educação Patrimonial como proposta interdisciplinar propicia o desenvolvimento e a problematização acerca dos conhecimentos históricos e a relação das comunidades com o seu Patrimônio Cultural. A proposta que apresentamos colabora, portanto, na formação do conhecimento histórico não apenas para os estudantes da Educação Básica, mas também dos professores e professoras em formação, pois agencia a pesquisa, o ensino e a extensão como aprendizagem histórica.

Referências

ABUD, Kátia Maria. **Ensino de História e Cultura Material**. In: Ensino de História. São Paulo: Cengage Learning, Coleção Idéias em ação, 2010.

AGUIAR, Rodrigo L. S. **Manuel de Arqueologia Rupestre: Uma introdução ao estudo da arte rupestre na Ilha de Santa Catarina e ilhas adjacentes**. Florianópolis: 2002.

AGUIAR, Rodrigo L. S. **El arte rupestre como legado préhistórico em La Isla de Santa Catarina**. Espanha: Revista Zephyrus, 2003.



BITTENCOURT, Circe Fernandes. História das populações indígenas na escola: Memórias e esquecimentos. In: PEREIRA, Amilcar Araujo. MONTEIRO, Ana Maria. (Org). **Ensino de História e culturas afro-brasileiras e indígenas**. Rio de Janeiro, Palhas, 2013.

CHAMAS, Cintia Aparecida P. C. **A gestão de um patrimônio arqueológico e paisagístico: Ilha do Campeche/SC**. Dissertação de Mestrado em Geografia: UFSC, 2008

COMERLATO, Fabiana. **As representações rupestres no litoral de Santa Catarina**. Ilha de Santa Catarina: PUCRS. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2005.

DA ROS, José Pedro. CRUZ, Walter F. Oliveira. **Memórias do lugar: o turismo na Ilha do Campeche**. In: Revista Eletronica Psicologia & Sociedade, vol. 23. Florianópolis: 2011.

DELGADO, Andrea Ferreira. SILVA, Monica Martins. **Educação Patrimonial e Formação de professores: Pesquisa e produção de material didático sobre o patrimônio cultural da Ilha de Santa Catarina**. In: I Simpósio de Patrimônio Cultural de Santa Catarina - “Patrimônio Cultural: Saberes e Fazeres Partilhados”, 21 e 22 de novembro de 201. Florianópolis, SC, A referência está incorreta, pois os Anais já foram publicados no site da ANPUH. Disponível em <http://www.anpuh-sc.org.br/i%20patrim%20cultural_2013_anais_edicao.htm>.

DELGADO, Andrea Ferreira. SILVA, Monica Martins. **A investigação histórica acerca do Patrimônio Cultural do Sul da Ilha de Santa Catarina e a construção de uma proposta de Educação Patrimonial**. In: Anais do XV Encontro Estadual de História “1964-2014: Memórias, Testemunhos e Estado”, 11 a 14 de agosto de 2014, UFSC, Florianópolis. Disponível em: <www.encontro2014.sc.anpuh.org/resources/anais/31/1406065847ARQUIVO_TextosAndreaDelgadoeMonicaMartins.pdf>.

FILHO, Francisco Antonio da Silva. **Introdução ao levantamento Florístico da Ilha do Campeche**. Monografia de Bacharel em Ciências Biológicas na Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: UFSC, 1983.

FUNARI, Pedro Paulo. Os historiadores e a cultura material. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Orgs) **Fontes históricas**. 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 2010.

GONÇALVES, Alexandre. CARLSON, Victor Emmanuel. **Aventura arqueológica na Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis: Lagoa Editora, 2003.

KRAMER, Sonia. Propostas Pedagógicas ou curriculares: subsídios para uma leitura crítica. In MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa. **Currículo: políticas e práticas**. Campinas: Papirus, 1997.

MAMIGONIAN, Beatriz. Ilha do Campeche e Armação da Lagoinha. In: MATOTOS, Hebe. ABREU, Martha. GURAN, Milton. **Inventário do Tráfico Atlântico de Escravos e da História dos Africanos Escravizados no Brasil**. Rio de Janeiro: UFF, 2013.

MONTEIRO, Ana Maria F. C. A história ensinada: algumas configurações do saber escolar. **História & Ensino**. Londrina, v. 9, p. 09-35, out. 2003.

MONTICELLI, Gisleine. **Deixe estar: Patrimônio, Arqueologia e Licenciamentos Ambientais**. (Coleção Arqueologia, 8). Porto Alegre: EdiPUCRS, 2010.



SCHIMIDT, Maria Auxiliadora. O ensino de história local e os desafios da formação da consciência histórica. In MONTEIRO, Ana Maria, GASPARELLO, Arlette, MAGALHÃES, Marcelo (Orgs.). **Ensino de História. Sujeitos, saberes e práticas**. Rio de Janeiro: Mauad X, FAPERJ, 2007.

OPPITZ, Gabriela. **Vivendo a Paisagem: Contribuições transdisciplinares para o estudo do contexto regional de Sambaquis do litoral central de Santa Catarina**. Monografia de Bacharelado e Licenciatura em História da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: UFSC, 2011.

ROHR, João Alfredo. **Petroglifos da Ilha de Santa Catarina e ilhas adjacentes**. Pesquisas, Série Antropologia, n. 19, p.1-30. São Leopoldo/ RS: Instituto Anchieta de Pesquisas, 1969.

ROHR, João Alfredo; ANDREATTA, Margarida. **O Sítio Arqueológico da Armação do Sul**. Pesquisas, São Leopoldo, n. 20, p. 135-138, 1969. (Antropologia).

SCHIMIDT, Maria Auxiliadora. O ensino de história local e os desafios da formação da consciência histórica. In MONTEIRO, Ana Maria, GASPARELLO, Arlette, MAGALHÃES, Marcelo (Orgs.). **Ensino de História. Sujeitos, saberes e práticas**. Rio de Janeiro: Mauad X, FAPERJ, 2007.

SILVA, Mônica Martins, DELGADO, Andréa Ferreira. Ensino de História e Educação Patrimonial: experiências de Ensino e Pesquisa na Educação Básica. In GIL, Carmem Zeli, TRINDADE, Rhuan Targino (Orgs.). **Patrimônio Cultural e Ensino de História**. Porto Alegre, Editora Bestiário, 2013.

VENERA, Raquel Alvarenga Sena. **Turismo e Ensino de História: Potencialidades e interpretações locais**. In: Revista Turismo e Análise, vol. 21, agosto de 2010.

Recebido em: 30/04/15. Aprovado em: 11/07/15.